



*P for Everything* é uma exposição do artista sueco Charles Benjamin, desenvolvida especificamente para a Kunsthalle Lissabon. Resultado de uma troca contínua entre os diretores da KL João Mourão and Luís Silva e o diretor do SALTS Samuel Leuenberger, a exposição marca uma evolução das ideias inicialmente desenvolvidas em *Not Old Not New*, a exposição individual de Benjamin no SALTS em Birsfelden, Suíça, em novembro de 2018.

Mourão e Silva abordam a Kunsthalle Lissabon como um catalisador social para diálogos emergentes e em constante evolução. No décimo aniversário da instituição, os diretores convidaram quatro co-anfitriões para o espaço: SALTS, PIVÔ, CURA. e ICA Philadelphia. A partir do interesse dos diretores pela reorientação estrutural da noção de colaboração, cada instituição foi convidada a apresentar um projeto, bem como a assumir temporariamente as operações da instituição. Mais do que a prática comum de curadoria externa, a ocupação da instituição significa que a KL, a equipa e as operações deixam de funcionar da maneira habitual para, em vez disso, se reportarem à própria equipa do convidado, adotando as suas lógicas operacionais durante toda a colaboração.

Para o nosso convite, ficou claro que a estrutura social do SALTS seria central para a exposição. A abordagem ao convite de Mourão e Silva - o de uma *carte blanche* - exigia confiança e entendimento mútuo. Ainda que convidar um artista sem relação anterior com o SALTS pudesse criar algo singular, tal não se adequava a este convite específico. Fazia mais sentido pensar em como o SALTS se comporta, como se relaciona com o mundo e como é, energeticamente falando, recebido pelos seus colaboradores, amigos e público. A colaboração com a KL levou a uma mudança auto-reflexiva: uma análise cuidadosa de como as nossas redes são cultivadas e sustentadas.

Falar com Charles Benjamin sobre o valor das coisas é como abrir um catálogo de imagens e sensações específicas. Benjamin tem inúmeras ideias sobre o conceito de valor e os seus desafios materialistas, sobre os riscos de se expôr e de se comprometer em demasia. Pós-conceptual nos seus princípios, o artista fala sobre arte como um processo de internalização: onde um pôr do sol não é apenas um pôr do sol, mas uma pausa desejada: uma imagem de vinil colada na parede de um quarto de hotel numa cave, escondendo o facto de não existir qualquer janela. Trata-se de um sistema de apropriação visual não muito diferente da publicidade, através do qual a integridade de uma imagem está ao serviço de uma fantasia rápida ou de um estilo de vida. No ano passado, o artista escreveu um livro de poesia intitulado *The New Testament Two*, oferecendo, como o título infere, aforismos proféticos irónicos como: 'Se houvesse um poema para tudo, não haveria mais nada lá fora'. Algumas coisas estão melhores se deixadas à imaginação.

Samuel Leuenberger: A que dás mais valor e porquê?

Charles Benjamin: Acho que tenho muita dificuldade em determinar o valor de algo. Estou à procura de algo que possa considerar inequivocamente valioso.

SL: Gostas muito de assistir a canais de notícias e telenovelas em espanhol. Viveste em Barcelona durante mais de dez anos e namoras com uma mulher chilena. O que significa para ti ter a tua primeira exposição em Portugal?

CB: Não tenho nada a dizer sobre Portugal, é a minha primeira vez aqui. Dito isto, tenho uma afinidade terrível pelo sul da Europa e, cada vez que estou aqui, sinto que moro no lugar errado, e é essa, provavelmente, a razão pela qual assisto a tanta TV espanhola. Se alguém tiver um emprego para mim, em qualquer lugar a sul de Marselha, por favor contactem-me através do +4917733198.

SL: Escreves, desenhas, pintas, colecionas coisas (que não arte) e cantas, mas o teu currículo diz que és um pintor. Porquê?

CB: Estupidamente, decidi aos 19 anos que seria pintor, só para não ter de me questionar mais. Agora é algo que tenho que carregar comigo. Acho que é melhor escolher algo e depois mudar a partir daí. Não acho que goste particularmente da pintura como disciplina, e acho que isso é provavelmente uma coisa boa.

SL: O teu trabalho baseia-se geralmente no facto de ser facilmente montado e desmontado. O que é que isso significa para futuros trabalhos?

CB: É mais uma questão de imediatez. Obviamente, o sonho é que alguém veja como as coisas que faço são maravilhosas e tome conta delas. Se isso não acontecer, pode significar que elas não são maravilhosas e merecem desaparecer com o tempo. Não tenho a certeza se isto responde à tua pergunta. Se fôr apenas uma questão de restauro, não acho que esteja em péssimo estado. Uma vez, esculpi a palavra PUTA numa rocha ao longo da costa catalã, e isso permanecerá muito para além da minha vida e provavelmente de algumas gerações depois de mim. Estas são as coordenadas geográficas para quem quiser vê-lo: 41°53'21.2"N 3°11'28.2"E.

SL: Falas muito sobre energia e sobre o interesse pelo processo de trabalho. Porque é que isso é mais importante que o próprio trabalho?

CB: A principal razão pela qual faço qualquer coisa é porque quero ter algo para fazer. Há muito pouco tempo para sermos ativos da maneira como somos agora, mas ainda parece infinito e aborrecido. É uma questão de preencher o tempo de uma maneira que pareça significativa. Quanto ao trabalho, é claramente visível se algo foi feito com o espírito certo. Não acho que energia e interesse sejam coisas